

CLEIDE SOUZA MENDES

**MULHERES SURDAS NEGRAS NO CURSO DE LETRAS: LIBRAS DA UFT,
CAMPUS DE PORTO NACIONAL- TO: E SEUS PROCESSOS IDENTITÁRIOS**

Trabalho de conclusão de curso a ser apresentado ao curso de Letras: Libras da Universidade Federal do Tocantins –UFT Campus de Porto Nacional para obtenção do grau de licenciada em Letras: Libras.
Orientadora: Prof.^a Ma. Gabriela Otaviani Barbosa.

PORTO NACIONAL

2021

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

M538m Mendes, Cleide Souza .

Mulheres surdas negras no curso de de Letras: Libras da UFT, Campus de Porto Nacional - TO: e seus processos identitários . / Cleide Souza Mendes. – Porto Nacional, TO, 2021.

37 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Letras - Libras, 2021.

Orientadora : Gabriela Otaviani Barbosa

1. Mulher Surda Negra. Letras- Libras. Identidade. Preconceito.. 2. Letras- Libras.. 3. Identidade. . 4. Preconceito.. I. Título

CDD 419

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

CLEIDE SOUZA MENDES

Mulheres surdas negras no curso de Letras: Libras da UFT, Campus de Porto Nacional- TO: e seus processos identitários

Trabalho de conclusão de curso a ser apresentado ao curso de Letras: Libras da Universidade Federal do Tocantins – UFT Campus de Porto Nacional para obtenção do grau de licenciada em Letras: Libras. Orientadora: Prof.^a Ma. Gabriela Otaviani Barbosa.

Data da aprovação: / /

Banca examinadora:

Prof.^a Ma. Gabriela Otaviani Barbosa – Orientadora UFT

Prof.^a Ma. Géscica Suellen Costa Sobrinho – Examinadora UFT

Prof.^a Ma. Suelen Silva de Oliveira – Examinadora UFT

PORTO NACIONAL – TO

2021

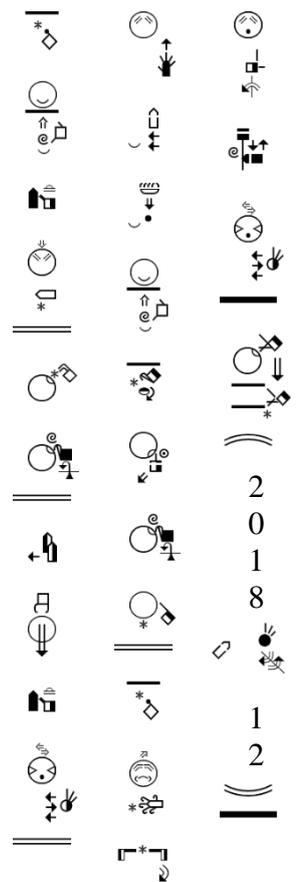
*A minha querida mãe Catarina de Sousa Santana In
memoriam*

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Deus, por ter me dado a oportunidade de fazer esse trabalho, e também de poder ter uma fé raciocinada, agradeço a todas as mulheres Surdas Negras que contribuíram para a efetivação desse trabalho, e a todos da comunidade Surda que de forma direta e indireta também contribuíram.

A minha orientadora Professora Gabriela Otaviani Barbosa pelas contribuições e ensinamentos para o desenvolvimento do nosso trabalho, a Universidade Federal do Tocantins, e todo corpo docente do curso do Letras-Libras. Aos meus amigos, Warley Rodrigues de Souza, Maria Ieda Fonseca Pinheiro, Iully Carvalho de Sousa, Maria de Fátima Gomes Nunes e a intérprete Sálua Romano de Oliveira, que estiveram sempre dispostos a nos ajudar. Ao meu cunhado Adelson Prado de Castro que independente sempre esteve à disposição. Ao meu querido pai Adi Pereira de Santana, as minhas irmãs Adriana de Souza Santana e Joana Darc de Souza Santana.

E ao meu querido esposo, José Divino Mendes de Souza, que sempre me apoiou em tudo. E as minhas duas filhas, Lisnar Mendes de Souza e Maria Luísa Mendes de Souza.



Tenho orgulho da minha identidade e cultura negra, antes eu não tinha identidade, mas eu assumi e tenho orgulho de ser negra surda e não me sentir inferior a nenhuma outra raça. FERREIRA (2018, p. 12).

RESUMO

Este trabalho intitulado Mulheres surdas negras no curso de Letras: Libras da UFT, Campus de Porto Nacional- TO: e seus processos identitários teve como objetivo relatar as discentes autodeclaradas pretas e surdas e analisar os preconceitos sofridos devido ao fato de ser mulher, negra e surda. Além disso, trabalha com as teorias Perlin (2016), Ribeiro (2017), Ferreira (2018), Domingues (2011) e Buzar (2012), os quais discutem sobre o tema abordado. Buscamos apontar algumas narrativas obtidas pelas discentes surdas negras que apresentaram seus estigmas e estão sempre passando por situações de opressão na maioria das vezes essa situação é refletida por causa de feminilidade, sua cor e surdez. São também recusadas dos espaços de trabalho, de lazer e até do convívio familiar onde a sua língua não circula de forma efetiva. Desta forma deveria ter políticas sociais de inclusão que pudesse observar de forma mais minuciosa e diferenciada para poder incluir ao invés de excluir. Por fim, seus resultados construídos com a coleta de dados dos relatos vivenciados pelas mulheres surdas negras, são as dificuldades e que elas não se resumem só no espaço acadêmico e sim em todos os ambientes.

Palavras-chave: Mulher Surda Negra. Letras- Libras. Identidade. Preconceito.

ABSTRACT

This final work named Black deaf women in the Course of Modern Languages: LIBRAS of the Federal University of Tocantins (UFT), Campus of Porto Nacional- TO: and their identity processes aimed to describe the self-declared black and deaf university students and to investigate the prejudice they have suffered due to the fact of being a woman, black, and deaf. In addition, it is based on the theoretical perspectives of authors such as Perlin (2016), Ribeiro (2017), Ferreira (2018), Domingues (2011), and Buzar (2012), who have discussed the approached topic. We tried to highlight some narratives gathered by the black deaf university students who exposed their stigmas and are constantly facing oppressive circumstances, most of the times this situation is mirrored because of their femininity, their skin color, and deafness. They are also excluded from workplaces, leisure and even family environments where their language does not effectively circulate. In this context, there must be social inclusion policies that can be more carefully and distinctively observed in order to include rather than exclude individuals. In conclusion, its results based on the data obtained from the testimonies experienced by black deaf women, are the hardships and the fact that they are not limited only to the academic context, but are common to all environments in society.

Keywords: Black Deaf Woman. Modern Languages Course - LIBRAS. Identity. Prejudice.

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

UFT	Universidade Federal do Tocantins
L1	Primeira língua
L2	Segunda língua
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 METODOLOGIA	21
2.1 Coleta de dados	21
2.2 Instrumentos	21
2.3 Questões para entrevistas	22
3 COMENTÁRIOS DAS DISCENTES SURDAS NEGRAS	23
3.1 Filmagens	23
4 DISCUSSÃO E RESULTADOS	24
4.1 Entrevistas	24
4.2 Você acha que as mulheres surdas negras podem desenvolver habilidades similares das desenvolvidas por mulheres surdas brancas?	25
4.3 Já sabemos que as mulheres sofrem vários tipos de dificuldades, você acha que sendo surda e negra sofre mais ainda?	26
4.4 Você percebe que a discriminação com a mulher surda negra é diferente das outras mulheres em geral?	27
4.5 Você acredita que por ser surda negra nessa sociedade as coisas dificultam mais? Ou se você fosse surda branca isso diminuiria?	28
4.6 Embora nós já temos uma política de inclusão onde garante os direitos da pessoa surda, qual a sua visão de futuro para que a mulher surda negra possa estar participando mais das decisões sociais sem discriminação?	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	33
APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	35
APÊNDICE B - Roteiro para a entrevista com as Discentes Surdas Negras	37

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho intitulado “Mulheres surdas negras no curso de Letras- Libras da UFT, Campus de Porto Nacional- TO: e seus processos identitários” se justifica pela educação de surdos: Gênero, mulheres surdas negras, ensino superior e realização que me levou a fazer esse estudo foi tentar perceber o que falta para que uma mulher surda negra seja compreendida nessa realidade complexa, de uma visão ainda de muitos estereótipos e de muitos preconceitos, que domina a maior parte das pessoas de uma sociedade.

De acordo com (PERLIN, 2016, p. 55), “o estereotipo sobre o surdo jamais acolhe o ser surdo, pois o imobiliza em uma representação contraditória, em uma representação que não conduz a uma política de identidade”. Um exemplo disso é a falta de estrutura das escolas e de muitos professores não capacitados fazendo com que aumente as reprovações dificultando um aprendizado adequado para que a mulher surda negra possa estar inserida em uma educação que seja respeitada sua cultura de forma que possa aprender a sua L1 a Libras numa escola bilíngue onde o português não seja visto como um vilão e sim como sua L2.

Visto que, (SILVA 2005, p. 25), expressa o seguinte: “os surdos são posicionados na escola como pessoas menos capazes porque o produto que apresentam se mostra diferente (inferior) em relação aos dos outros alunos”. E as mulheres surdas negras tem uma capacidade muito grande de tomar como propriedade a sua inteligência e ser dona da sua fala, desta forma servirá para expor o poder da fala ativa se consolida junto aos seus direitos. Ressaltando que com o reconhecimento da Libras como a língua oficial do Brasil, criou-se a lei 10.436/2002 (BRASIL, 2002), para melhorar a comunicação e a interação da comunidade surda fazendo com que a inclusão possa estar em todos os locais e espaços.

O objetivo deste trabalho é estudar quais as adversidades enfrentadas pelas mulheres surdas negras no acesso ao ensino superior. Para tanto, se faz necessário relatar as discentes autodeclaradas pretas e surdas no curso de Letras: Libras do Campus de Porto Nacional da Universidade Federal do Tocantins (UFT), expor as experiências vivenciadas no ensino superior, e pontuar os impedimentos comunicacionais no acesso ao curso de Letras: Libras do Campus de Porto Nacional da UFT.

A hipótese principal é que as mulheres surdas negras enfrentam mais empecilho de comunicação do que as mulheres surdas brancas no acesso à universidade. Em outras palavras, os bloqueios comunicacionais enfrentados pelas mulheres surdas negras poderão ser maiores do que os sofridos pelas mulheres surdas brancas no acesso à universidade porque elas em grande parte padecem mais os efeitos das desigualdades raciais e socioeconômicas no Brasil.

E são tratadas de forma desigual simplesmente porquê a sua cor de pele é vista pela maioria da sociedade seletiva e exigente como diferente. Então, muitas das vezes, essas mulheres surdas negras sofrem exclusões, negação e enfrentam muitas dificuldades, pois o olhar preconceituoso e discriminante, vai além da cor da pele e do estigma da surdez podendo abranger também as questões de estética por não oferecer um padrão de beleza que é almejado pela classe majoritária. Conforme (RIBEIRO, 2009, p. 33), expressa em sua fala que: “no entanto, atribuir uma qualidade negativa ao fenótipo negro, falando coisas como “cabelo ruim”, diz muito sobre os padrões de beleza racistas impostos em nossa sociedade”.

Dessa forma, isso também é atribuído às desigualdades socioeconômicas pois é um desafio constante que atinge na grande maioria as mulheres surdas negras, que vivenciam uma realidade de opressão, discriminação e preconceito. Falando de preconceito racial e que a maioria das pessoas da sociedade são injustas e desiguais, e que as relações de poder e sociais contribuem para que o preconceito no Brasil não tenha limites. Assim a mulher surda negra nesse contexto é anulada e seu potencial não poderá ser englobado junto às demais.

Com base na temática apresentada, o presente estudo tem caráter qualitativo, buscaremos por fenômenos reais, a fim de investigar quais experiências e dificuldades dos caminhos percorridos na escolarização dessas mulheres negras surdas, sem deixar de perceber os seus contextos históricos e sociais, suas culturas e identidades. Com a finalidade de responder a seguinte pergunta de pesquisa: As mulheres surdas negras enfrentam mais obstáculo de comunicação no acesso à universidade do que as mulheres brancas?

Além dessas questões, pretende-se alcançar resultados no processo de análise dos dados e discussão e determinar assim uma proposta que envolve o estudo qualitativo descrever as informações registradas das mulheres negras surdas em seus próprios contextos históricos na experiência de acessibilidade comunicacional.

Desta forma, iremos descrever os tópicos seguintes do trabalho que são eles: A metodologia, que são os procedimentos do tipo de pesquisa. A coleta de dados, é que vai explicar quando aconteceu essa pesquisa e ano. Instrumentos, que serviu para efetivar a melhor forma possível para o desenvolvimento da pesquisa. As questões para entrevista que teve como objetivo coletar informações das participantes. Comentários das discentes surdas negras, que foram expressados em Libras e foram de grande importância para a pesquisa. As filmagens que aconteceram de forma remota em dias alternados, sendo usado a plataforma Zoom.

Discussão e resultados, foram tentar analisar as narrativas, fatos e fenômenos observando as mulheres surdas negras em períodos variados na UFT Campus Porto Nacional. E as entrevistas, que serão usadas perguntas elaboradas com o foco principal nas mulheres

surdas negras. E por último as considerações finais, que terá como objetivo da pesquisa investigar se as discentes surdas negras através das suas narrativas sofreram por conta da cor de pele ou surdez.

Neste contexto, há barreiras e dificuldades da mulher na sociedade, sendo que esses estigmas aumentam e vão abranger mais ainda quando se é mulher surda negra. “o surdo tem diferença e, não, deficiência, e a preocupação que pretendo explorar aqui, antes de tudo, trata da diferença e diversidade”. (PERLIN, 2016, p. 56). Nesse caso se configura uma realidade que ainda está longe de ser compreendida, principalmente quando se fala de educação, que ainda é tão difícil por conta dos processos de aprendizagens que os surdos sofrem. E a mulher surda negra além dessas dificuldades já sofridas, são fortes e não são frágeis como a maioria dos machistas acham. No dizer de (RIBEIRO, 2017, p. 10), “fora isso, é também divulgar a produção intelectual de mulheres negras, colocando-as na condição de sujeitos e seres ativos que, historicamente, vêm pensando em resistências e preexistências”.

Quando se diz que no contexto escolar as práticas de ensino ainda são falhas e precisam de uma reestruturação isso porque ainda falta muita coisa para se fazer. E quando isso acontece de algo dar errado, as pessoas surdas são tratadas como incapazes, e as vezes responsáveis por um objetivo não alcançado, aí o fracasso no seu desempenho escolar irá desmotivá-lo de continuar abandonando os seus estudos. De acordo com (HOOKS, 2017, p. 58), ela se expressa com a seguinte fala: “segundo minha experiência, um dos jeitos de construir a comunidade na sala de aula é reconhecer o valor de cada voz individual”.

Dirigindo-se para o contexto acadêmico no curso de Letras - Libras da Universidade Federal do Tocantins no Campus de Porto Nacional, algumas dessas mulheres surdas negras chegam até o curso de graduação sem saber Libras e nem português, isso muitas vezes porque foram privadas de um ensino de qualidade no início da sua vida escolar. Outra parcela para que isso se agravasse, é ser filhas surdas de pais ouvintes, que também não fazem uso da língua de sinais por não ter aprendido antes e poder ter ensinado. De acordo com (BARBOSA, 2017, p. 34) explica que:

No Brasil, a Libras é reconhecida como um ambiente linguístico necessário para comunicar aos sujeitos surdos e ouvintes falantes de Libras e é disposta para internalizar conhecimentos de uma língua materna e cultura próprias e que precisam de uma educação que leve em consideração a língua, a identidade e a cultura surda.

E assim assegurar o surdo que ele tem o direito de aprender na escola com professores bilíngues, porque a língua, a identidade e cultura estão relacionadas pois, podem ser usuais da

mesma comunidade significando que para se comunicar e ter interação não tem como separar esses três itens, porque separados não terá a finalidade de um conceito linguístico já que na língua de sinais a comunicação é feita respeitando a língua, a identidade e cultura pois todos são muito importantes para a comunidade surda. Assim, acreditamos que a relevância social que este estudo trará, será a observância pela a universidade e também pelos pares, ou seja, professores e acadêmicos. E a questão do estigma social vai além de especificidade humana, seja, pela cor da pele, ou seja, pela surdez. Desta forma, acreditamos que com este e mais estudos poderá ter um olhar mais integrador para este grupo social.

Sendo assim, com o decreto em menção a Libras reforçou mais o seu *status* de língua e o povo surdo passa cada vez mais emergir no contexto educacional podendo usar a sua própria língua, o que reforçou as lutas, participando de movimentos politicamente organizados pela comunidade surda. Conforme (FERREIRA,2018, p.15) um desses eventos é o:

O VI CNISNS foi realizado em Florianópolis - SC, nos dias 16 a 18 de novembro de 2017. Abordou diferentes áreas sociais acerca das mulheres surdas e negras, ações afirmativas (cotas) e acesso do surdo negro ao mercado de trabalho. Contou também com a realização do segundo festival de Artes Afrosur@s sobre a cultura negra surda.

Dessa forma, com surgimento de uma importante proposta educacional, que deu direito aos alunos surdos ao ensino bilíngue com professores surdos e ouvintes bilíngues, profissionais intérpretes de línguas de sinais para que esse aluno surdo possa ter como referência no futuro. Isso facilitará o aprendizado do aluno surdo com a aquisição da língua materna a Libras como L1 e o português como L2. Lembrando que é muito importante identificar qual a necessidade de aprendizado de cada aluno surdo, com estratégias, didáticas e também materiais adaptados para e cada tipo de ensino. Isso irá contribuir, pois terá grande oportunidade de fazer com que suas especificidades sejam respeitadas. Sendo assim a educação de surdos não será um desafio tão complexo de executar e sim tentar incluir em todos os espaços da educação uma proposta bilíngue, que irá colaborar para o desenvolvimento e aprendizado de forma que a pessoa surda se sinta confortável na hora de aprender.

E no contexto das mulheres surdas negras, em que muitas não possuem conhecimentos quanto a L1, o que lhes causam mais ainda exclusão social que se encontra nos diversos grupos: profissional, acadêmico e afetivos, no qual falta, oportunidades em vários setores da sociedade, que lhes possam permitir que fiquem de forma equitativa com outros grupos.

Muitas vezes essas mulheres surdas negras ocupam os cargos mais inferiores em seus locais de trabalho, porque acham que a pessoa surda não tem capacidade de executar cargos superiores. Em uma fala da autora, (PERLIN, 2016. p, 55) ela afirma que: “isso torna presente

a ideologia de que vale a pena contratá-lo no campo de trabalho pelo que ele produz não pelo que ele aparenta”. Por isso é oportuno que tenham mais políticas públicas que possam está incluindo essas mulheres surdas negras, para que elas não desistam de lutar por seus objetivos e parem de viver reclusas dominada pelos grupos ouvintes e por aqueles que segregam tanto pelo viés da deficiência quanto pela cor da pele.

O processo histórico da escravidão no Brasil, tem como marco de “finalização” a data de 13 de maio de 1888, através da Lei Áurea, de acordo com (DOMINGUES, 2011, p. 21) afirma que:

A assinatura da chamada Lei Áurea ocorreu em 13 de maio de 1888. Era um domingo, de tarde ensolarada. O Rio de Janeiro, capital do Brasil, foi tomado por um ambiente de exultação. Os populares – ex-escravos, forros, livres, africanos, crioulos, negros e brancos – saíram às ruas e comemoraram numa explosão de alegria nunca vista na história da nação.

Dessa forma o estigma da escravidão trouxe seus efeitos negativos em que a aceitação das diferenças esteja sempre em conflitos até hoje, pois influencia muito no racismo sofrido pelos negros, no que se diz as questões vinda de muitas pessoas que acham superiores em relação a cor da pele. Essas consequências que os negros carregam, contribui nas questões sociais, e as mulheres surdas negras estão imbuída nesse contexto, em que por ser mulher, negra e surda carregam consigo ainda mais os preconceitos associados a todos esses atributos que a maioria dos seres sociais tem como negativos.

Mesmo depois de 133 anos, a realidade segregacionista continua a mesma, porque a desigualdade continua presente, e as mulheres surdas negras sempre sofrendo opressão das pessoas que segregam pela cor da pele. No entanto esse contexto causa muitos efeitos negativos, pois as lembranças estão sempre sendo rememoradas, principalmente nas questões emocionais, psicológicas além do estigma físico. Segundo o autor (BUZAR, 2012. p, 29), destaca que:

A repercussão das atrocidades e privações impostas às pessoas negras escravizadas e aos seus descendentes é vergonhosa, atingindo tanto o campo psicológico, educacional, cultural quanto o social. Sabe-se que a cor da pessoa escravizada era determinante na definição de seu papel social. Preto e escravo eram praticamente sinônimos.

As pessoas negras tem um passado de sofrimento que pulsa na sociedade até hoje. Pois só são lhe ofertados os trabalhos mais subalternos, com salários que não dá nem para uma alimentação de qualidade, imagina para poder frequentar espaços de lazer. E o que resta aos negros, são as torturas sofridas, o preconceito e a desigualdade que faz parte do racismo estrutural. Onde as mulheres surdas negras são as que mais sofre, pois, a exclusão é apenas

parte de tudo que está imbuído no que é de ruim para elas. Assim explica os autores (BRITO; MEDEIROS; BENTO; RODRIGUES, 2021, p. 212):

Logo, não é possível pensar em como o racismo se estrutura em torno da mulher negra surda sem levar em conta as rotas que nele convergem, ou seja, sem considerar as questões relativas à classe, heteronormatividade, gênero, raça e deficiências, posto que entre os surdos e mais especificamente entre as mulheres surdas, as negras serão as mais afetadas pelo engendramento dessas categorias identitárias.

Desta forma, falta oportunidade para que a mulher surda negra ocupe mais espaços na sociedade, oportunidades estas, que podem atenuar ou extinguir um dos agravantes que é a falta de comunicação em língua de sinais adequada, e também muitos preconceitos que esta língua sofre por ser a língua das pessoas surdas, o que traz o viés equivocado da surdez. É a oportunidade que não é oferecida e a língua que não é compreendida, faz com que essas mulheres surdas negras fiquem fora dos processos de emancipação social, que são almejados pela maioria. As mulheres surdas negras sofrem mais opressão do que as outras em geral, pois estão sempre em desigualdade e são excluídas nas questões educacionais trabalhistas e afetivas. Os movimentos feministas vêm lutando a muito tempo por essa liberdade, e também pelo fim do racismo e dos preconceitos sofridos por elas até hoje. De conformidade com (COSTA, 2002, p. 26):

Trata-se de inserir, nas contribuições feministas voltadas para esse campo, discussões sobre a recriação das desigualdades sociais nas muitas relações sociais que compõem a vida social – classes, raças/etnias, gerações e tantas outras –, mergulhando na complexidade dos esquemas de poder e subordinação.

Então vale ressaltar que não se pode julgar sem conhecer, sem ao menos ver o que essas mulheres surdas negras têm de melhor para oferecer, pois muitas vezes são ceceadas de expressar suas experiências não permitindo mostrar o seu potencial. O sofrimento e o preconceito imposto pela sociedade ouvinte fez por muito tempo com que as pessoas surdas não aceitassem suas próprias identidades, e muitos se negavam ser surdo e também os próprios familiares. Conforme, (BOTELHO, p. 26):

O estigma e o preconceito fazem parte de nosso mundo mental e atitudinal, tendo em vista que pertencemos a categorias – mulheres, negros, analfabetos, políticos, professores, judeus, velhos, repetentes na escola, pós-graduados, estrangeiros, desempregados, e assim por diante- que são recebidas com pouca ou com muita ressalva por um exogrupo determinado. Por exemplo, uma mulher surda, pobre, negra, iletrada e não oralizada é muito susceptível à estigmatização social e internalização de estigma.

Portanto como consequência, não conhecer a história da pessoa surda, muita das vezes podemos achar que essas pessoas são incapazes de desenvolver suas práticas sociais na vida

cotidiana. Através de muitas conscientizações a respeito das especificidades das pessoas surdas no que concerne ao aspecto linguístico viso-espacial, e o crescimento das comunidades surdas fez com que muitas lutas e conquistas no qual fez com que surgisse políticas públicas em prol da Libras, melhorando a comunicação, fazendo com que a pessoa surda possa aceitar sua própria identidade.

Desta forma, as mulheres surdas negras dentro do curso de Letras Libras, tem como oportunidade de se empoderarem na aquisição de conhecimentos e após graduadas também o contexto profissional. O que pode levar a esse empoderamento no curso de Letras Libras é a aquisição da L1 e o aprimoramento desta língua que é a sua língua natural. A língua de sinais, fez com que suas identidades surdas sejam mais valorizadas e a Libras se torne a cada momento uma língua de prestígio não só para os surdos, mas para toda a sociedade. Uma vez que é comum vermos muitas pessoas interessadas em uma L2 como instrução tendo a língua inglesa como a língua de maior prestígio sendo que é mais fácil nos depararmos com uma pessoa surda do que com um nativo que fale a língua inglesa. Essas são as dicotomias linguísticas, onde uma língua segrega outras.

De fato, como já fazem parte de um grupo minoritário, muitas vezes não são vistas, são excluídas e também marcadas por ser surdas negras, pois não se enquadram no perfil que a sociedade exige. Já no espaço acadêmico elas podem e tem o direito de ficar mais empoderadas e lutar pelos seus objetivos. Embora essa fala de empoderamento ser debatido dentro da UFT, que é muito produtivo, ainda acontece de forma tímida, pois é uma discussão que continuará reforçando as identidades surdas. Porque são pessoas que vivem sofrendo ataques de diversos tipos e são vários os preconceitos.

Embora a sociedade precisa entender que o ser humano não é mais o ser de identidade única, ou seja, “o centro essencial do “eu” era a identidade de uma pessoa”, (HALL, 2020, p. 11), o autor salienta que os sujeitos pós-modernos não tem uma identidade fixa. Daí o que justifica as múltiplas identidades de uma mulher surda negra, que leva consigo as características da surdez, da negritude e pelo próprio fato de ser mulher, sendo uma junção de três características humanas que sempre foram estigmatizadas ao longo da história das relações sociais.

Estas junções de identidades, levam consigo o racismo, o preconceito de várias ordens e a desigualdade que se define por cor da pele, pelo estigma da surdez causada pela falta de conhecimento de uma língua que a sua aquisição é pelo canal visual, o que faz que seus usuários sejam pessoas diferentes e não deficientes. Uma visão ao contrário do exposto anteriormente faria com que a humanidade vivesse de forma mais harmônica. Sobre os pontos de vistas das

diferenças, (WOODWARD, 2000. p, 9), afirma que: “a identidade é assim, marcada pela diferença”. Nesse sentido o processo histórico de sofrimento das mulheres, é algo milenar, e sendo elas com essas três identidades: mulher, surda e negra faz com que isso se agrave ainda mais.

Embora as mulheres surdas negras veem lutando progressivamente contra a imposição e discriminação que é atribuída muitas vezes pelo fato de ser mulher, pela cor da pele, surdez, pela sua diferença linguística que caracteriza a sua identidade. Então a sociedade ainda não está preparada para aceitar e respeitar essas diferenças, pois os desafios atrelados a não aceitação das múltiplas identidades e também o preconceito linguístico, faz com que esses conceitos seja um grande desafio dentro da sociedade. Conforme (SILVA, 2005, p. 9), relata que: “o preconceito linguístico pode fazer com que uma comunidade linguística tenha prejuízos na sua formação, no acesso ao conhecimento, na participação social, justamente por ter uma língua diferente, ou ainda, usar uma variante diferente”. Então as mulheres surdas negras, que ingressam a universidade encontra barreiras na comunicação e nas identidades não respeitadas.

Levando em consideração as suas histórias vivenciadas, principalmente no contexto familiar, sendo esta, o núcleo social mais importante de emancipação individual. No ambiente social da [...] “modernidade tardia” de acordo (HALL, 2020, p. 9), e como já pode ser visualizado os diversos tipos de formação familiar ao contrário do modelo imposto ao longo da história das formações familiares o que justifica também as múltiplas identidades no contexto social atual e futuro.

2 METODOLOGIA

A metodologia utilizada abarca procedimentos do tipo de pesquisa, é ela: qualitativa. Ela tem por objetivo, apurar comentários das atitudes explícitas e conscientes das entrevistas em seu contexto histórico de vivência das mulheres surdas negras dentro da universidade pública. De acordo com (LÜDKE; ANDRÉ 1986, p.11).

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. Segundo os dois autores, a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra através do trabalho intensivo de campo.

Ressaltando que o objetivo do trabalho fazendo uso da metodologia qualitativa é indispensável pois dessa forma será alcançado os resultados que buscamos. E que devido a pandemia isso não foi possível de forma presencial sendo feito via Plataforma Zoom. Para a realização da pesquisa intitulada “Mulheres surdas negras no curso de Letras: Libras da UFT, Campus de Porto Nacional- TO: e seus processos identitários”, define-se os seguintes elementos metodológicos: coleta de dados, e instrumentos. É imprescindível que possamos delinear as percepções das discentes surdas negras nessa pesquisa, usando um dos instrumentos que é a observação.

2.1 Coleta de dados

Essa pesquisa aconteceu no segundo semestre do ano 2021, na UFT, Campus de Porto Nacional, foram convidadas 4 discentes surdas negras, para participar desta entrevista que devido o período pandêmico aconteceu via remota através da plataforma Zoom que é um serviço de vídeo conferência onde as pessoas se reuni virtualmente, sendo que a mesma ocorreu toda em Libras. A organização ocorreu através de mensagens via WhatsApp, para poder se definido os horários que ocorreria as entrevistas. As mesmas aconteceram em horários e dias diferentes, e utilizamos um notebook com uma câmera de captação de imagens. As entrevistas iniciaram no dia 21 de outubro de 2021 e se concluiu no dia 29 do mesmo mês.

2.2 Instrumentos

Para a concretização desta pesquisa foi necessária a utilização de vários instrumentos, para que a efetivação ocorresse de forma mais apropriada possível. E para o desenvolvimento

da geração de dados utilizamos: as entrevistas com perguntas elaboradas, guiadas de forma anterior e se encontra no apêndice B, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que se encontra no apêndice A e a plataforma Zoom, ferramenta virtual onde as pessoas se reúne de forma remota e que tem nos auxiliado muito nesse período pandêmico.

Questões para entrevista, foram todas voltadas para o contexto da pesquisa que são as mulheres surdas negras sempre buscando encontrar respostas para a investigação. E como possibilitará um direcionamento perceptível de vivências dentro do espaço acadêmico a ser pesquisado sendo eles os aspectos das mulheres surdas negras. Comentários das discentes surdas negras e as análises foram a partir dos procedimentos dos dados gerados. Filmagens ocorrem no período noturno, devido ser o período que as entrevistadas estavam disponíveis.

A entrevista foi elaborada para pesquisar o perfil das discentes surdas negras. As questões criadas em encontro tiveram o objetivo de ouvir as narrativas reais em línguas de sinais pelas discentes surdas negras, e nessa pesquisa foi utilizada como instrumento, a fim de se verificar se está adequada, ou se precisa de modificações. Assim, a apresentação dos comentários pode se tornar mais clara para a sociedade. Então após observar os relatos e logo mais fazer a transcrição, foi aí que podemos observar o que tinha de mais interessante.

2.3 Questões para entrevistas

As 5 questões criadas tiveram o objetivo de coletar informações sobre as experiências pessoais das participantes surdas negras sobre as experiências e dificuldades dos percalços na graduação dessas mulheres surdas negras, sem deixar de perceber os seus contextos históricos e sociais, e suas culturas e identidades (ver apêndice B). As participantes podiam responder em Libras e dessa forma foi possível observar que o mais importante é a forma de como se comunicam, pois, é uma língua viso-espacial, e pelo olhar expressão emoções, medos e vontades transmite que a sua língua seja mais respeitada.

As questões de entrevista foram utilizadas para delimitar o perfil das participantes, sendo que as discentes responderam em Libras, pois é a sua L1, e foram questões que abordavam principalmente o preconceito que vivencia na sociedade. E foram elaboradas e analisadas sem deixar de seguir os desígnios da pesquisa. E a captação de informações alcançou o nível desejado.

3 COMENTÁRIOS DAS DISCENTES SURDAS NEGRAS

Os comentários das mulheres surdas negras foram expressadas em Libras, os nomes utilizados foram fictícios (Primeira aluna é Leila, segunda aluna é Marta, terceira aluna é Flávia e quarta aluna é Marina) e filmados durante as entrevistas realizadas pela plataforma no zoom online em tempos de pandemia. Seus relatos apresentaram históricos bem interessantes, e todas expressaram o quanto é difícil ser mulher surda negra em todos os espaços. Das dificuldades com a língua portuguesa, do entrave na hora de conseguir um trabalho, da falta de acessibilidade e das políticas de inclusão que ainda há muito o que ser feito para que possam ser mais beneficiadas.

3.1 Filmagens

O processo de filmagem ocorreu com o encontro de 4 entrevistas em dias alternados, através da plataforma no zoom online em tempos de pandemia, mas em diferentes horários, combinados através do WhatsApp, e após assinatura do TCLE, pois as discentes surdas negras optaram por ser entrevistadas individualmente. Assim, seria mais fácil pesquisar cada aluna surda negra, suas expressões poder ser diferenciadas, pois ao se juntar com as outras discentes surdas negras poderiam ter opiniões similares. E as entrevistas duraram em média mais ou menos uns 25 (vinte e cinco) minutos.

As filmagens foram registradas junto com minha memória e comentários particulares das discentes surdas negras, no resultado dos dados e estão disponíveis para comparações de várias experiências reais comentados das discentes surdas negras como análises pessoais de dados. As discentes assinaram o TCLE para permitir usar as imagens sobre os resultados obtidos nesta pesquisa (ver apêndice A).

4 DISCUSSÃO E RESULTADOS

Os dados coletados na pesquisa qualitativa foram analisados de forma narrativa e apresentaram o fato ou o fenômeno, isso através de observação das mulheres surdas negras de períodos variados da UFT. Elas estabeleceram relações entre a negritude, a surdez, a cultura e a identidade, que envolveram as utilizações de técnicas padronizadas de coleta de dados e questionários.

Portanto, a quantificação tanto no processo de coleta dos dados quanto da utilização de técnicas para o tratamento dos mesmos, tem como principal qualidade a precisão dos resultados obtidos com esses relatos vivenciados para as mulheres surdas negras. Sobretudo, utilizado em estudos descritivos, que procuram descobrir e classificar a relação de causalidade das narrativas delas, bem como estabelecer a causalidade entre os fenômenos. Então como já foi citado em capítulos anteriores das dificuldades das mulheres surdas negras e que não se resume só no espaço acadêmico, a primeira coisa que eu fazia era agradecer pela oportunidade de poder está entrevistando- nas, e que o foco principal era a raça e a surdez, e de acordo com as perguntas elas ficaram à vontade para relatar ou desabafar assuntos relacionados a pesquisa. Que, no entanto, foram vários.

4.1 Entrevistas

Neste tópico passaremos a descrever as falas, ou seja, os depoimentos das mulheres entrevistadas a parte mais importante dessa pesquisa, porque sem o relato das mulheres surdas negras não teria como haver a pesquisa, ou seja, a pesquisa não aconteceria, desta forma, não tem como dar uma hierarquia para as falas, a mais importante ou menos importante, até porque as representações do ser mulher, ser surda e ser negra não se resume apenas numa identidade. De acordo com (HALL, 2020. p, 11): “Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas das culturas, estão entrando em colapso, como resultado de mudança estruturais e institucionais”. Embora o autor destaca “lá fora” com tudo, já é perceptível nessa contemporaneidade essa fragmentação de identidade. E que as mulheres surdas negras têm o poder de construir suas identidades e podem se pronunciar perante a sociedade.

Então, organizamos as questões da entrevista e dividimos em 5 categorias diferentes, as perguntas criadas às discentes surdas negras descreveram os relatos da sua realidade, são elas:

1. Você acha que as mulheres surdas negras podem desenvolver habilidades similares das desenvolvidas por mulheres surdas brancas?
2. Já sabemos que as mulheres sofrem vários tipos de dificuldades, você acha que sendo surda e negra sofre mais ainda?
3. Você percebe que a discriminação com a mulher surda negra é diferente das outras mulheres em geral?
4. Você acredita que por ser surda negra nessa sociedade as coisas dificultam mais? Ou se você fosse surda branca isso diminuiria?
5. Embora nós já temos uma política de inclusão onde garante os direitos da pessoa surda, qual a sua visão de futuro para que a mulher surda negra possa estar participando mais das decisões sociais sem discriminação?

Basicamente, são essas questões utilizadas para ouvir alguns relatos ocorridos das narrativas, elas apresentaram detalhes das discentes surdas negras, suas opiniões, visando modificar algo para nós mulheres surdas negras aqui na universidade, poderá ser melhor.

Para discutir os dados obtidos das entrevistas, essas foram todas realizadas em Libras, e posteriormente foi feita uma tradução livre para o português, que transcrevo a seguir em itálico. Foram feitos comentários sobre comentários sobre as respostas das mulheres surdas negras, às vezes individualmente, outras vezes agrupadas, dadas as semelhanças entre elas. Os comentários em itálico expressaram as próprias narrativas das mulheres surdas negras e as considerações da pesquisadora.

4.2 Você acha que as mulheres surdas negras podem desenvolver habilidades similares das desenvolvidas por mulheres surdas brancas?

A Leila diz que: depende muito, pois são vários os fatores sim, que podem influenciar e um deles é a comunicação e a condição da sociedade, também o próprio ensino sendo fraco pode ser um fator influenciador.

A Marta relatou que: na escola dentro da sala de aula ela fazia todas as atividades, tinha uma intérprete que ficava sentada próximo dela. Ela escrevia as atividades e quando ia entregar para a professora, ela olhava e falava não está bom, então a professora dava um zero pra ela e ela achava aquilo estranho, ficava agoniada e incomodada. E falava para a intérprete: porque ela me deu um zero? E aí ela apontava para a outra surda e dizia, o português dela também não é perfeito e tem defeito assim como o meu, e porque só eu levo zero? Aí a intérprete ficava toda sem jeito e eu percebia, ela ficava ali desconfiada da

professora, então ela chamava a professora e ela virava o rosto, parecia assim que não queria nem saber de mim. Era muito difícil ela me rejeitava parecia que eu era um absurdo, porque eu sou negra ela queria uma aluna branca? Ou porque eu era surda então? Isso era um ponto negativo a minha cor pra ela. Mas na minha família também tem pessoas brancas e negras é uma mistura de raças.

A Flávia relata que: na sua opinião as mulheres surdas negras ainda têm uma certa repressão no meio da sociedade. As mulheres negras são vistas com estranhamento. Outras pessoas e mulheres brancas às vezes olham uma mulher negra e olham com diferença. E também mulheres surdas negras em meio a sociedade elas são mais discriminadas, as mulheres brancas não querem contato com mulheres surdas negras quando elas não conhecem e não têm esse contato, então elas as rejeitam.

A Marina responde da seguinte forma: deixa eu pensar, sim tanto a mulher negra como mulher branca, ambas podem ser de forma igual. Em várias coisas sim? Podem trabalhar, independente da sua cor, elas podem aprender várias coisas, elas podem ter muitas amizades.

Com as observações dos relatos das entrevistadas é possível fazermos algumas considerações. Todas as 4 mulheres surdas negras, expressaram de formas diferentes alguns tipos de dificuldades, seja de preconceito ou pela sua comunicação que ainda não é respeitada. Então nós ouvintes possamos nos remodelar a nossa visão negativa quanto a pessoa surda e entender que sua forma de comunicar não é um problema e sim uma forma diferente.

4.3 Já sabemos que as mulheres sofrem vários tipos de dificuldades, você acha que sendo surda e negra sofre mais ainda?

A Leila responde: que podem sofrer mais sim, pois as pessoas brancas estão sempre oprimindo os negros, e isso acontece a vários anos.

A Marta relata que em relação a cor e a raça, tem várias mulheres que sofrem com isso, então ela cita um exemplo: se por acaso uma pessoa surda for em uma loja comprar alguma coisa e perguntar se a loja pode parcelar, eles vão responder que não pode, pois eles não permitem que parcele no carnê. Pode ser um móvel uma geladeira, e isso é motivo de sofrimento de empecilho. Outra situação é algumas mulheres que participam da comunidade surda que são elas: ouvintes, surdas, negras e brancas. Então às vezes dentro da própria comunidade surda as mulheres brancas excluem as mulheres negra acontece muito aqui no nosso país, mas tem um exemplo lá nos Estados Unidos lá nos Estados Unidos que também tem uma trajetória grande de sofrimento de mulheres da comunidade surda. Uma mulher, por

exemplo, ela tentou contato com a comunidade, para aprender sinais, ela era negra e as mulheres surdas brancas não permitiram. Então isso foi um motivo de sofrimento pra ela, foi um uma espécie de ouvintismo dentro da comunidade surda. Aqui em Imperatriz aconteceu com uma mulher surda negra dos cabelos enrolados, ela foi em uma loja e lá ela pegou o produto que queria e quando ela chegou no balcão para pagar, a mulher começou a falar e ela surda sinalizou para a moça, espera um pouco eu sou surda eu não escuto, e a mulher já fechou a cara. E aí a mulher surda respondeu eu posso escrever e a gente conversa sim, então ela escreveu e entregou o papel pra mulher a mulher afastou o papel e disse, não, não vou ler aí eu pensei será que é porque a mulher era negra? Será que foi por isso o preconceito? Existem muitos tipos de preconceito certo? Às vezes parece que olha para nós e diz, é um surdo é surda é negra age parecendo como se a pessoa surda fosse uma pessoa suja porque ela é negra então assim existem muitas surdas que já tiveram problemas desse tipo por conta da cor da raça. Eu fico muito triste.

A Flávia relata também sofrer muitas dificuldades, principalmente quando sai as ruas, pois as pessoas olham como se elas não tivessem inteligência, que não possa ser uma mulher trabalhadora, e que a sociedade só olha com desprezo. E muitas sofrem até violência física, e isso acontece com vários grupos, mas as mulheres surdas negras sofrem muito mais.

A Marina já faz uma observação principalmente por conta da comunicação, e cita também que aqui no Brasil existe muito preconceito e que por ser mulher parece ainda ser pior. Então ela faz uma ressalva de situações mais difíceis: a falta de comunicação, o preconceito, a cor de pele e ser mulher surda.

Relatar as aflições das mulheres não é tão simples e sendo elas surdas negras fica ainda mais difícil, pois carregam consigo a marca do preconceito e do sofrimento. As mulheres surdas negras acima, expressaram em suas falas, e se percebe que todas tem dificuldades em diferentes situações. Vamos considerar as singularidades de cada uma e a sua comunicação, pois é um dos principais problemas relatados por elas, que fazem o uso da língua de sinais. E a sociedade não está preparada para conviver com as diferenças, faltando o respeito com suas identidades e culturas.

4.4 Você percebe que a discriminação com a mulher surda negra é diferente das outras mulheres em geral?

A Leila responde que com ela nunca aconteceu, mas ela já ouviu falar de relatos de outras mulheres e que essa discriminação pode sim ser diferente.

A Marta relatou um preconceito sofrido por uma colega dentro da sala de aula na UFT, que ela distinguiu como pesado. Uma aluna surda negra que não tinha fluência no português e nem na Libras e que tinha que fazer um trabalho em grupo. Essa aluna foi refutada pelos grupos e quando ela viu aquela situação ficou indignada e disse, que para ela aprender falta interação com os demais colegas, então como forma de protesto ela resolveu sair do grupo que estava e ir fazer o trabalho junto com essa aluna excluída. Ela disse que essa moça chorou ficou muito triste e que ela a acalmou, então ela percebeu que os ouvintes e surdos também tem preconceito.

A Flávia expressa em sua fala que existe muitas diferenças em relação a cor de pele e quando uma mulher branca olha uma mulher surda negra ela já ver com diferença que é percebida na expressão o preconceito. A pessoa já cria uma antipatia sem nem conhecer. Sabemos que a diversidade existe e que há muitas diferenças e na sociedade tem pessoas boas e ruins e muito preconceito.

A Marina fala que essa pergunta é um desafio uma provocação. Porque a mulher surda negra já sofre naturalmente por conta dos preconceitos e que ela pensa que a sociedade precisa abrir a mente para as questões de igualdade. E ver que não existe diferença e que nós da sociedade precisamos ser felizes sem preconceito e precisa ser algo comum.

Sobre este aspecto vamos demonstrar a complexidade do que é o preconceito sofrido pela mulher surda negra, rotulada com estereótipos presentes em circulação dentro de uma sociedade que massacra por conta da sua cor e por sua surdez. Sem dúvida que essas mulheres também são sensíveis, tem sentimentos e não são inferiores e sofrem constantemente por um reconhecimento que lhes é de direito.

4.5 Você acredita que por ser surda negra nessa sociedade as coisas dificultam mais? Ou se você fosse surda branca isso diminuiria?

A Leila entrevistada relata que: depende, pois, a mulher surda branca trabalha em várias funções, já a mulher surda negra é ofertada mais os trabalhos de empregada doméstica, isso acontece muito.

A Marta expressa em suas respostas o seguinte: eu não acredito que acabou, ainda continua tendo preconceito, é um problema no mundo todo, não é só no Brasil, é um problema mundial existem surdos negros que sofrem muito ou que estão sempre nessa guerra, não é? Tanto em relação aos brancos e negros a gente vê que a polícia tem preconceito contra negros em mercados em empresas existe preconceito em relação aos negros. Então até hoje é uma

luta muito grande da pessoa negra. Isso não parou, continua. É uma luta constante, precisa que todas as raças entrem em igualdade, tenha paz. brancos negros seja lá qual for a cor precisa de uma consciência em geral. As pessoas precisam entender a necessidade da igualdade por exemplo pensa, uma pessoa negra e uma pessoa branca! Como é o esqueleto dessas duas pessoas? Se essas pessoas morrem uma negra e uma branca, as duas são enterradas. A carne delas vai se desintegrar igualmente tanto do branco como do negro, independentemente da cor o que vai acontecer depois que ela morrer e for enterrada é a mesma coisa, aí porque é negro vai ser assim, porque é branco vai ser diferente? Não? Então a maioria das pessoas elas pensam o quê? Ai a pessoa negra tem mais é que se ferrar? O branco é sempre superior? Até hoje nós vemos eu vejo muito desse tipo de preconceito isso não acabou ainda continua.

A Flávia fala o seguinte: Eu acredito, porque antigamente já existia muito preconceito. O preconceito era inclusive maior. Hoje ao contrário de antigamente que as pessoas tinham uma mente muito fechada muito ódio, hoje tem mudado um pouco essa situação o preconceito tem diminuído um pouco e as pessoas tem aberto a sua mente entende? Então em geral a sociedade é negra, brancos e surdos e no passado sofreram muito mais foi muito pior. Hoje eles estão passando por um momento de liberdade, não é? Que tem diminuído em geral um pouco dessa discriminação. Também as pessoas surdas antigamente passaram por muitas dificuldades, hoje eles têm lutado muito tem se esforçado pra que as pessoas abram a mente e entendam como é realmente são as coisas.

A Marina fala que: Eu acho que a maioria das pessoas surdas quando se fala em pessoas surdas, não se refere só a mulher, ou se é branco ou se é negro. Eu acho que a maioria das pessoas surdas negras elas não se importam se é branco ou negro, não é? Pra elas não é importante isso. Se é maioria ou minoria. Porque existem mulheres surdas negras ricas assim, como existem mulheres surdas negras pobres. Existem as duas classes.

Quando se fala de surdas negras e surdas brancas, a maioria dos relatos citados são os preconceitos e a falta de oportunidades que muitas vezes são oferecidas as mulheres surdas brancas, mas não são as mesmas oferecidas as mulheres surdas negras. E esses estigmas fazem com que as representações das mulheres surda negras tenham mais empoderamento, deixando-as cada dia mais fortes pelas suas lutas e seus interesses.

4.6 Embora nós já temos uma política de inclusão onde garante os direitos da pessoa surda, qual a sua visão de futuro para que a mulher surda negra possa estar participando mais das decisões sociais sem discriminação?

A Leila diz que: já temos políticas no Brasil, mas ainda precisa o que? Mulheres surdas negras precisam lutar, se empoderar e mostrar que seus direitos são iguais.

A Marta relata que: Em São Paulo tem um surdo negro que se formou em Direito. E as pessoas ouvintes quando ficam sabendo ele estudava junto com pessoas ouvintes e conseguiu, acham estranho. Como assim um surdo e negro formado em Direito? E eu pergunto, nossa qual é o problema? A sociedade tem a mente fechada, tem cabeça pequena e atrasada, as famílias precisam orientar os seus filhos sobre as questões sociais. É possível? Nossa! Um surdo advogado? Sim é possível ele tem direito de crescer de estudar assim como os ouvintes. O surdo também tem essa possibilidade, e ainda faltam mais surdos para ter essas conquistas. Esse surdo se sacrificou, lutou, foram cinco anos de batalha e ele venceu e aí as pessoas olham pro estranhamento, nossa! E pensam que é estranho porque um surdo negro conseguiu vencer, conseguiu se formar e todos os que se formaram junto com ele tiveram lá suas homenagens, seu momento especial, mas para ele não teve. Porque ele era negro, ele foi excluído das homenagens. Teve o grupo que teve festa e ele não foi convidado. Então a gente vê que a sociedade ela é problemática. Existem muitos conflitos em relação a raça, a cor. Existe a separação ainda. O grupo dos brancos e o grupo das minorias. Ainda tem uma dificuldade muito grande. A questão da igualdade ainda é uma questão problemática.

A Flávia relata que: Sim é importante essas questões política de reuniões das pessoas irem debater. Por exemplo uma surda negra ela pode estar separada em diversos pontos de uma pessoa branca. E nós anteriormente não conseguíamos nada com questões políticas. Tinham muitas barreiras. Hoje nós vencemos as barreiras políticas. Nós ganhamos respeito, nós lutamos, fizemos movimentos eu sou negra e tenho respeito e eu quero um futuro melhor as pessoas com preconceito, as pessoas que agem de forma errada, insultam, isso é contra a lei. Essas opressões que nós sofremos várias coisas isso é crime, é contra a lei então nós surdas nós buscamos o nossos os nossos direitos reais, buscamos um futuro melhor através de leis.

A Marina relata que: Eu penso que o futuro será melhor sim, a população tem sido mais inclusiva a maioria das pessoas surdas negras já tem tido um acesso maior uma interação maior, com pessoas brancas então eu acho que vai haver mais acessibilidade, as pessoas negras em geral. Elas conseguem mais oportunidade de trabalho e esse preconceito pode acabar, pode diminuir. As relações de amizade, de parceria, eu acredito que vai melhorar sim.

Sem dúvida, ainda falta muito para que as políticas públicas de inclusão possam alcançar a equidade que todos tem direito e dessa forma os menos favorecidos são os grupos que fazem parte das minorias, e as mulheres surdas negras se incluem nesses grupos, onde estão sempre sendo ceceados de direitos básicos começados pelo respeito, que independentemente da cor, da

especificidade, classe econômica ou do sexo são tidos como pessoas invisíveis dentro das políticas públicas de inclusão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa, conforme indicado anteriormente, consistiu-se em observar se as discentes surdas negras se expressando em Libras na sua realidade da narrativa, aumentasse o sofrimento em relação à cor de pele e surdez.

Desta forma na investigação foi possível esclarecer para as análises dos dados que demonstra que as discentes surdas negras apresentaram várias narrativas, que através dos seus relatos e angustias foi possível perceber que a sociedade ainda está longe de aceitar o ser diferente em relação a cor de pele, surdez e a forma que se comunica. Pois são vistas como desabafou uma das entrevistadas com estranhamento, e que essa situação causa dor e sofrimento. Então observa-se que também dentro da própria universidade o racismo estrutural existe, deste modo a comunidade surda e ouvintes possa ser instigada a refletir sobre suas opiniões quando for direcionar a fala ou se referir principalmente as mulheres surda negras pois estão sempre em subalternidade diante das demais.

Através desta pesquisa percebemos que um outro relato de uma das participantes surda negra, presenciou o preconceito dentro da sala de aula no curso de Letras- Libras. Causando-lhe indignação até mesmo com os surdos pois eles também não aceitaram que uma colega de sala mulher e surda pudesse participar de um trabalho em grupo. Sendo excluída por não saber muito Libras e nem português. Mas é muito importante ressaltar que dentro do espaço acadêmico da UFT Campus Porto Nacional, a Libras está em ascensão fazendo com que as mulheres surdas negras se emponderem para que o acesso seja de forma ampla e democrática.

Por fim, no decorrer da pesquisa percebe-se que a inclusão social ainda é para poucos. E todas as mulheres surdas negras que foram entrevistadas fizeram relatos muito semelhantes, pois enfatizava em muitas situações o preconceito. Essa pesquisa não tem o objetivo de concluir a temática, e nem poderia, pois, ciência não se conclui, e sim auxiliar para outros estudos, consolidando para que as mulheres surdas negras não sejam submetidas a situações onde haja a falta de respeito com sua língua, cor e surdez. E mesmo tendo percalços de muitas dificuldades que suas lutas possam permanecer mais fortalecidas por seus direitos. Pois sabemos que no Brasil a questão racial já é tida com muitos estigmas, e ser mulher, surda e negra só aumenta mais ainda o racismo. Dessa forma o resultado construído com a coleta de dados dos relatos vivenciados pelas mulheres surdas negras, são as dificuldades e que elas não se resumem só no espaço acadêmico e sim em todos os ambientes.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Gabriela Otaviani. **A arte de escrever em Libras**. 182 p. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós – Graduação em Linguística, Florianópolis, 2017.
- BOTELHO, Paula. **Linguagem e letramento na educação dos surdos – ideologias e práticas e práticas pedagógicas**. – 4º ed. 2 reimp. – Belo horizonte: autêntica Editora, 2016.
- BRASIL. **Lei n º 10.436, de 24 de abril de 2002**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm> Acesso em: 23 de julho de 2021.
- _____. **Decreto n º 5626, de 24 de dezembro de 2005**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm> Acesso em: 23 de julho de 2021.
- BRITO, I. A.; MEDEIROS, J. R.; BENTO, N. A.; RODRIGUES, N. **Que corpo é esse? Literatura negra surda, interseccionalidades e violências**. ODEERE, v. 6, n. 01, jan./jun. 2021. p. 209-232
- BUZAR, Francisco José Roma. **Interseccionalidade entre raça e surdez: a situação de surdos (as) negros (as) em São Luís - MA**. 2012. 155 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação) —Universidade de Brasília, Brasília, 2012.
- COSTA, Suely Gomes. **Movimentos feministas, Feminismos**. Revista Estudos Feministas, V. 10, n. 2, 2002, p. 23-36.
- DOMINGUES, Petrônio José, **“A redenção de nossa raça”: as comemorações da abolição da escravatura no Brasil¹** Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 31, nº 62, p. 19-48 – 2011.
- FERREIRA, Priscilla Leonnor Alencar. **O ensino de relações étnico-raciais nos percursos de escolarização de negros surdos na educação básica**. 122 p. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós – Graduação em Ensino, Vitória da Conquista, 2018.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro -11. ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2020.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. – 2. Ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017. p. 58.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas: Temas Básicos de Educação e Ensino**. São Paulo: EPU, 1986.
- PERLIN, Gladis, T.T. **Identidades surdas**. In: SKLIAR, Carlos. (Orgs) – 8º Ed. A Surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2016. p. 55
- _____. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos. (Orgs) – 8º Ed. **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2016. p. 56.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017. p. 10. (Feminismos Plurais).

_____. **Pequeno Manual Antirracista.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SILVA, Ivani Rodrigues. **As representações do surdo na escola e na família: entre a (in) visibilização da diferença e da “deficiência”.** Tese (Doutorado) 274 p. Campinas, SP: 2005.

WOODWARD, K. **Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual.** In: SILVA, T. T. (Org). **Identidade e diferença: As perspectivas dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, p. 7-72-2000.

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

O Sr.(a) está sendo convidado(a) para participar da pesquisa (**Mulheres surdas negras no curso de Letras: Libras da UFT, Campus de Porto Nacional- TO: e seus processos identitários**). Esta pesquisa será realizada pela pesquisadora (**Cleide Souza Mendes**), do curso de (**Letras- Libras**) da Universidade Federal do Tocantins do Campus de Porto Nacional, sob orientação do(a) Prof.(a) (**Gabriela Otaviani Barbosa**). Nesta pesquisa, pretendemos (**investigar, quais as adversidades enfrentadas pelas mulheres surdas negras no acesso ao ensino superior**). O motivo que nos leva a estudar, (**terá como finalidade observar os aspectos vivenciados das mulheres surdas negras dentro da universidade**).

Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos: (**iremos propor um entendimento sobre as dificuldades de adaptações que as discentes surdas negras enfrentam em seus processos de formação**). A sua participação consistirá em **uma entrevista** com duração de no máximo 30 minutos em dias úteis e horário comercial. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em (**algumas emoções ao relatar sobre algum tipo de preconceito sofrido, choro**). A pesquisa contribuirá para (**aprofundar e compreender as experiências e dificuldades dos caminhos percorridos na graduação dessas mulheres surdas negras, sem deixar de perceber os seus contextos históricos e sociais, e suas culturas e identidades**).

Para participar deste estudo o(a) Sr.(a) não terá nenhum custo, e nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, o Sr.(a) tem assegurado o direito à indenização que será provida pela pesquisadora. O Sr. (a) terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar e a qualquer tempo e sem quaisquer prejuízos. A sua participação é voluntária, e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que o Sr.(a) é atendido(a) pelo pesquisador. Os resultados obtidos pela pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou qualquer dado, material ou registro que indique sua participação no estudo não será liberado sem a sua permissão. O(A) Sr.(a) não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, no Campus de Porto Nacional, e a outra será fornecida ao Sr.(a). Os dados, materiais e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de cinco anos, após esse tempo, serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resoluções Nº 466/12; 441/11 e a Portaria 2.201 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu, Cleide Souza Mendes, portador do documento de Identidade: 391-035 SSP/TO fui informado(a) dos objetivos, métodos, riscos e benefícios da pesquisa: **Mulheres surdas negras no curso de Letras: Libras da UFT, Campus de Porto Nacional- TO: e seus processos identitários**, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

- (x) Concordo que o meu (citar se será material biológico, registro fotográfico, sonoro e/ou audiovisual) seja utilizado somente para esta pesquisa.
- (x) Concordo que o meu (citar se será material biológico, registro fotográfico, sonoro e/ou audiovisual) possa ser utilizado em outras pesquisas, mas serei comunicado pelo pesquisador novamente e assinarei outro termo de consentimento livre e esclarecido que explique para que será utilizado o material.

Assinatura do pesquisador: _____

Assinatura do participante: _____

Declaro que concordo em participar desta pesquisa. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido assinado por mim e pelo pesquisador, que me deu a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

Nome do Participante:

Data: / /2021

ASSINATURA DO PARTICIPANTE

Acadêmica: Cleide Souza Mendes
Endereço: Rua NC 35 QD 12 LT 11
CEP: 77500-000

Bairro: Nova Capital
Cidade: Porto Nacional
Telefone Celular: (63) 98469-

9340

E-mail: cleide.mendes@mail.uft.edu.br.

ASSINATURA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

DATA: / /2021

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:
Professora Gabriela Otaviani Barbosa 063 99293355

APÊNDICE B - Roteiro para a entrevista com as Discentes Surdas Negras

- 1 Você acha que as mulheres surdas negras podem desenvolver habilidades similar das desenvolvidas por mulheres surdas brancas?
- 2 Já sabemos que as mulheres sofrem vários tipos de dificuldades, você acha que sendo surda e negra sofre mais ainda?
- 3 Você percebe que a discriminação com a mulher surda negra é diferente das outras mulheres em geral?
- 4 Você acredita que por ser surda negra nessa sociedade as coisas dificultam mais? Ou se você fosse surda branca isso diminuiria?
- 5 Embora nós já temos uma política de inclusão onde garante os direitos da pessoa surda, qual a sua visão de futuro para que a mulher surda negra possa estar participando mais das decisões sociais sem discriminação?